

«Como de Vós...»: Um ato de fé

«Como de Vós...»: An act of faith

AIRES A. NASCIMENTO¹

Resumo: Abordagem do poema de Jorge de Sena «Como de Vós...», o último do livro *Fidelidade* (1958), sob uma perspetiva religiosa cristã.

Palavras-Chaves: Poesia de Jorge de Sena; fé, religiosidade e poesia; Papa Pio XII; Beethoven.

Abstract: Approach of Jorge de Sena's poem «Como de Vós...», the last one of his book *Fidelidade* (1958), from a Christian religious perspective.

Keywords: Jorge de Sena's Poetry; faith, religiosity and poetry; Pope Pius XII; Beethoven.

==

¹Academia das Ciências de Lisboa; Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Detenho-me num poema de Jorge de Sena, o último do livro *Fidelidade*, que me foi proposto para leitura prolongada pela gentileza de uma pessoa amiga, Gilda Santos. Afigura-se-me simples o enunciado, mas leva-me à sua interioridade numa expressão de fé que é adoração ao Deus que tudo vê e tudo acolhe, quando a simplicidade de criança se desvela e se entrega: reencontro o seu autor na lucidez de uma inteligência situada que tudo abarcava, sustentada em raciocínio claro e expressivo, porque nada no enunciador era menos que isso. Facto surpreendente é que nesse ato estão envolvidas decisões que, na palavra escrita, tudo deixam dizer em modo tão aberto como definitivo e determinante; o enunciado vai dirigido Àquele que tudo vê e ao qual nada está escondido: faz-se em oração. Em boa verdade, configura palavra pronunciada no interior de si próprio, sem alardes para fora, como manda o Evangelho: «quando rezares, entra no teu quarto e aí fala com teu Pai celeste; Ele que tudo vê em segredo te dará a recompensa» (Lc 11, 2-4). Vinda do interior, a confiança é sincera e o exame é assumido; a confissão é de quem se reconhece como confidente que aceita ser reconhecido nos vislumbres da fé que se desdobra.

Circunstância concreta tem a ver com o momento deste poema: não se soltou inopinadamente em noite de escuridão, em grito de dor que esperasse eco ou reconhecesse estilhaços de vidros partidos; escrito de mansinho, tem a leveza de uma criança que entra

no apartamento dos pais e aí se desvela, em manhã a nascer. Está ele dedicado à memória do Papa Pio XII, em 1958, quando ao mundo acabava de ser anunciado o seu falecimento: nessa hora de despedida, imaginamos o enunciador sentado (ou talvez ajoelhado) respeitosamente perante quem passava para o outro lado da Vida e tudo entregava nas mãos de Deus. Voltando a si, o autor reconhece-se perante Deus e a Ele se confia.

Identificando-se, sem o dizer, com o Papa, que coloca em exergo, o autor revê-se numa atitude de fé que tudo crê e tudo espera, mas, na exiguidade do que leva consigo e, no jogo da vida que tudo abarca, apenas descobre a sua própria voz e nada mais tem para dar que não seja o modo de pensar n'Àquele a quem se dirige e para o qual se encaminha: pressuposto está que «Aquele é» (lavé, Ex 3,14) não é apenas «Aquele que existe», e ele, enunciador, não se fia do que possa atingir. Recentrando-se em si, o autor reencontra-se na palavra que formula ou, por outra, revendo-se em Deus, exprime-se em palavras, pacificadas, que são vida nova, confiante de que Deus, em quem de tudo se fia, lhe garante o prolongamento daquilo que ele enuncia e lhe deixa entrever aquilo que não conhece e, por isso, nem intenta nomear — para não cair no mal em que, por tentação, pudesse cair. Deus, afinal, é inefável e o homem pouco pode dizer a respeito d'Ele; se diz palavras, é para se tornar presente e se ouvir a si mesmo, balbuciando e ordenando o que sente.

Como de Vós...

*À memória do Papa Pio XII que quis ouvir, moribundo,
o «Allegretto» da Sétima Sinfonia de Beethoven*

Como de Vós, meu Deus, me fio em tudo,
mesmo no mal que consentis que eu faça,
por ser-Vos indiferente, ou não ser mal,
ou ser convosco um bem que eu não conheço,

importa pouco ou nada que em Vós creia,
que Vos invente ou não a fé que eu tenha,
que a própria fé não prove que existis,
ou que existir não seja a Vossa essência.

Não de existir sois feito, e também não
de ser pensado por quem só confia
em quem lhe fale, em quem o escute ou veja.

Humildemente sei que em Vós confio,
e mesmo isto o sei pouco ou quase esqueço,
pois que de Vós, meu Deus, me fio em tudo.

11/10/1958

Eram simples as manifestações de fé naqueles tempos, em finais dos anos de 1950. Assim o recorde ainda hoje, porque, em 1958, iniciei eu decisões de vida – tanto quanto as podia perceber. Por então, a fé revia-se na resposta a uma voz que chega(va) vinda de Outro, que é Tudo: o exemplo remontava a Abraão, chamado a sair para uma nova Terra e a quem tudo fora prometido, mesmo que fosse o céu semeado de estrelas (Gn 15, 5; 26, 4); depois, o desafio vinha de Cristo, que, em nome do Pai, recomendava a fé capaz de transportar

montanhas (Mt 17, 20). Na entrega e abandono de si mesmo, o patriarca, como homem de fé, entrega-se a quem lhe pede o próprio filho (Gn 22, 16), mesmo sem perceber nem perguntar pelas implicações que haveriam de sobrevir – apenas porque tinha confiança em quem o interpelava; no apelo de Cristo estava um desafio, difícil de cumprir: «se tiverdes fé como um grão de mostarda» – tão pequeno, mas capaz de se tornar a mais viçosa das plantas da horta...

Às vezes, o homem de fé raciocina para apaziguar dúvidas maiores; outras vezes, aceita as propostas na envolvência do grupo a que pertence: chame-se-lhe «fé do carvoeiro», mal vista pelos intelectuais, porque lançada à conta de menos-dotados que, por não confiarem em si próprios, devido à ignorância ou falta de instrução reconhecida, respondem ao diabo que não têm outra fé senão a da Igreja e isso lhes basta. A «fé de carvoeiro», expressão cómoda, mesmo que displicente, remete-me para a expressão um autor, **Alain Mothu**, «De la foi du charbonnier à celle du héros (et retour)», que leio *online* em *Les Dossiers du Grihl*. A expressão terá saído da mão de um ministro calvinista (pastor e apologista reformado, de seu nome Charles Drelincourt, que viveu entre 1595-1669); outros, que assumo por mais fidedignos e mais coerentes, levam a expressão às origens, lembrados das palavras de Cristo: «Eu te bendigo, ó Pai, porque escondestes estas luzes aos sábios e inteligentes, mas as revelaste aos pequeninos» (Mt 11, 25-27). Seja

como for, em qualquer tempo, um homem de fé, timorato e ainda que menos letrado, repetirá com agrado um versículo dos Salmos para se rever nele: «quoniam non cognovi litteraturam, introibo in potentias Domini» (Sl 70, 16) – que é como quem diz, «não sou versado em letras, mas tenho por mim que hei de entrar no mundo do Senhor e por ele operar maravilhas» (tradução livre).

Talvez por isso, segundo consta, Lutero, em 1533, escrevia: «Deixo Cristo acreditar por mim e Ele-próprio se ocupará daquilo em que eu devo acreditar». De facto, o incentivo vem do Apóstolo «cio cui credidi» (2Tm 1, 12) – «sei bem em quem acreditei». O abandono nas mãos de Deus não é apanágio apenas de místicos arrebatados, pois também está aberto a gente simples, em entrega de vida. Pelo meio, há poetas que sabem encontrar palavras para expressar esse caminho, mesmo que tenham de penar por causa dele...

Tais eram, no limiar dos anos de 1950, algumas das reflexões vividas em regime de cristandade: o catecismo, recebido em fórmulas teológicas, era traduzido por alguns em palavras mais sentidas, que lhes permitiam entrever a entrega possível ao Amor que a fé, a que aderiam, reservava para o tempo futuro: «est autem fides sperandarum substantia rerum argumentum non apparentium», como está escrito na Vulgata, Epístola aos Hebreus, 11, 1, em que *substantia* corresponde a *hypostasis* – e traduz o que fica a servir de suporte

firme. Dante transpôs a sentença para a sua *Comedia*: «Fede è sustanza di cose sperate» (Paradiso XXIV, 64). É fácil repetir a sentença, difícil é aderir a ela em compreensão ciente e consciente: o poeta autêntico tem sobre os outros o privilégio de dizer o que muitos sentem e vivem. Na palavra dele, Deus torna-se «sustentáculo», mas alguns preferem reconhecê-la como «flecha de sentido», na expressão de Paul Ricoeur, para anteverem o ponto de chegada e não perderam o rumo. No leitor do poema de Sena, fica a marca impressa da ingenuidade das atitudes que não precisam de ser discutidas, porque parecem tanto mais sinceras quanto mais são espontâneas: com a sua linguagem, a Presença do sagrado fica a sustentar-nos, ainda que mal a vislumbremos na linguagem que nos chega de outros!

Em plano teológico, razão haveria para buscarmos a encíclica *Spe salvi* de Bento XVI, publicada em 2007. Baste-nos irmos ao encontro das palavras, que são plenas: de facto, *credere* significa basicamente «dar crédito» e *fides* remete para «confiança» e «fidelidade». Em avanço retórico, em momentos de sol radioso, é fácil perguntar: que me falta para ser perfeito? (cf. Mt 19, 16-30; Lc 18, 18-30). Lembrou-me hoje Frei Bento que, nos Evangelhos, os que fizeram essa pergunta voltaram atrás, porque eram ricos: como tal, nunca voltaram a perguntar e nunca se decidiram. Mais simples foram os primeiros discípulos que foram à procura de Cristo e apenas perguntaram: «Rabi, onde moras? E foram com Ele» (Jo 1,

38-39). Alguns, para/por (desas)ossego de alma, perguntam: não bastou a fé do centurião romano junto à Cruz, ou a do bom ladrão, para garantirem a entrada no Paraíso (Lc 23, 43)?... Fé salvífica, sem dúvida, pelo dom recebido; se as obras vêm depois (cf. Tg 2, 26), o início é a confissão pela palavra (Rm 10, 8-17). Em boa verdade, Cristo prometeu que, se tivermos fé como um grão de mostarda, diremos a uma montanha que se mova de um lado para outro e assim acontecerá (Mt 17, 20).

Nos anos de 1960, a expressão de fé alterou-se, com ganhos e danos conhecidos: confusos e tensos foram esses anos, com os «intelectuais», na rua, a exigirem racionalidade explícita, com declarações assertivas sobre os artigos de fé e justificações em obediências de prática. Como se a fé fosse um domínio intelectualivo: quanto a isso, dão cartas os demónios, que sabem, bem demais, que Deus existe e têm de confessar o seu poder (acreditam e tremem, Tg 2, 19)...

Embora lembrado desses dias, prefiro Hans Urs von *Balthasar*, que escreveu *Só o amor é digno de fé*, título publicado em 1963: li-o em versão francesa, nos anos de 1970 (só mais tarde sairia em português, na tradução de Artur Morão). Os termos enunciados no título são de fixar, porque são reversíveis: só a fé permite a entrega em atitude amorosa e só o amor nos devolve ao que a Palavra de Deus nos confiou; os enunciados dogmáticos soavam a plenitude e a linguagem de outros

níveis exprimia conteúdos sapienciais, alguma vez experienciados...

Nos anos de 1950 (a eles volto), as hierarquias incutiam veneração e respeito: a figura do Papa estava no cimo da pirâmide. Ora, como pressupõe o exergo de Jorge de Sena colocado em epígrafe no soneto «Como de Vós», à notícia dos últimos dias de um Papa tão venerado como Pio XII, a emoção deixava-nos sem palavras e repassados de respeito: causaram impressão e escândalo as notícias passadas a jornalistas pelo médico que assistia o Papa, nos dias anteriores ao seu passamento, ocorrido em 9 de outubro de 1958. Tais notícias soaram a profanação, pois o mínimo que poderíamos esperar era que não se faltasse ao silêncio quando a morte se aproximava: o responsável pela transgressão pagaria logo depois com a exclusão e talvez isso tenha contribuído para que, em contraposição, se tivessem divulgado notícias apaziguadoras e edificantes, quanto à serenidade com que o Pontífice se finou, acompanhado por pessoas do seu convívio, que o assistiam, como era a Madre Pascualina. A esse ambiente de desanuiamento pertenceu a notícia da música da *Sétima sinfonia* de Beethoven, particularmente o *allegretto*...

Divulgou-se logo, também, o testamento de Pio XII, datado de 15 de maio de 1956: uma simples página, começada pela invocação do Deus da misericórdia – sem qualquer declaração maior que resumisse o seu pontifi-

cado. Diante de Deus, o Pontífice, Vigário de Cristo, apresentava-se como simples mortal, sem nada reivindicar pelas funções desempenhadas. Com isso, caíamos em nós para reconhecermos que, em Juízo, apenas nos podemos apresentar em humildade, em penitência e em abandono de criança que chega definitivamente à casa do Pai.

Logo pela fórmula de abertura no testamento se reteve que o Papa, por maior humildade, havia retomado a forma tradicional do salmo penitencial por excelência, regressando à versão da Vulgata anterior àquela que ele mesmo, Pio XII, tinha aprovado por vir dos melhores exegetas, à frente dos quais estava o eminente jesuíta Augustin Bea, seu confessor particular. Por estranho que parecesse, Pio XII mantinha a cláusula que sublinhava a «grande misericórdia divina»: «Miserere mei, Deus, secundum [magnam] misericordiam tuam...». Causa hoje alguma emoção que o Papa não pedisse muitos sufrágios: apenas aqueles que faziam parte do ritual. Nessa simplificação, quero ver espelhado o conselho de Cristo que recomendou que não gastássemos muitas palavras, como os pagãos, mas nos confiássemos ao Pai do Céu (Mt 6, 5-13).

Perante tal despojamento, Jorge de Sena deve ter-se sentido interpelado e deixou-nos uma lição de fé e de humildade: um homem de letras, perante a figura de Pio XII, reconhecia-se sem méritos e sem voz e, como tal, entregava-se a si mesmo – desprendidamente,

sem mais acessórios ou adereços além de um ato de humildade e de confiança na magnanimidade divina.

Um soneto, no seu desenvolvimento marcado, bastava para traduzir esse sentimento. A sua dedicatória não passou despercebida a leitores tão atentos como João Bénard da Costa: ao escrever, mais tarde, já pelo ano de 1978, sobre os «Papas da sua vida», ele que acabaria por se acoitar entre os «vencidos do Catolicismo», entrava de leitor em comparsa de uma confiança remoçada.

Hoje, a figura de Pio XII, falecido em 12 de outubro de 1958, é objeto de controvérsias e difidências. Por último, acaba de ser acusado de revisionista por quem, como Robert Faurisson, pretende interpretar que houve oscilações no modo de se relacionar com outras gentes, nomeadamente com os judeus, a quem concedeu a proteção possível. Todavia, esse mesmo autor não pôde deixar de evocar que, a 26 de maio de 1955, a Orquestra Filarmónica Israelita, dirigida por Paul Klestzky e composta por 95 executantes judeus, vindos de 14 países, se apresentou no Vaticano para interpretar perante Pio XII o «Hino da alegria» de Beethoven, em homenagem e agradecimento pela sua intervenção em favor da nação israelita, especificamente em favor de 400.000 judeus durante a Segunda Guerra Mundial (o número não é fictício e podem apontar-se casos concretos, como o de Paul O. Kristeller, que guardava com orgulho o passaporte que lhe fora

mandado entregar por Pio XII e lhe permitira passar para os Estados Unidos da América...). Sabe-se, aliás, que a proteção de Pio XII aos judeus chegou ao ponto de mandar fazer a entrega de 5 quilos de ouro ao Rabi de Roma para completar o que faltava para perfazer os 20 quilos que o poder nazi lhe exigiu (o Rabi havia de converter-se ao catolicismo e, em homenagem a Pio XII, escolheu o nome de Eugénio, ao lado de sua mulher, que o acompanhou e escolheu o correspondente feminino, Eugénia...). Recordo ainda as palavras de Golda Meir em favor desse Papa...

No momento de despedida final, não passaram despercebidas as notícias fornecidas por Galeazzi-Lisi, médico que assistia Pio XII no seu leito de morte, a 8 de outubro: confirmavam elas a predileção do Papa pela obra de Beethoven e trouxeram a público que, no seu recolhimento final, ele pedira que lhe fosse dado escutar a *Sétima sinfonia*. Jorge de Sena reparou nesse pormenor e, na sua sensibilidade musical, reteve-o para a dedicatória. Esta terá sido acrescentada quando os factos lhe chegaram ao conhecimento: admitimos que houve anteriormente um percurso pessoal do escritor e queremos reconhecer que o poeta sentia, comovido, os meandros da sua interioridade e deixava-os por escrito – sem receios e sem devaneios!

Da expressão da sua sensibilidade poética julgamos deduzir uma vivência de fé a que o passamento do Papa não terá sido alheia. É ro-

tunda e plena de significado a expressão final: «pois que de Vós, meu Deus, me fio em tudo».

Escolhida para remate, atravessa-nos por emanar de uma figura tão lúcida e de tão aladas palavras (porque certas) como era a de Jorge de Sena. Não consentia ele meias-palavras e denunciava a mediocridade (como na «Nota» de *Exorcismos*):

[...] quase toda a gente, mesmo os melhores, vive na aflição e na inibição de não dizer nada claramente, de não mencionar nada concretamente, de não estabelecer conexões racionais e lógicas com experiência alguma – o que nada tem a ver com liberdade de imaginação ou com a experimentação linguística, e é apenas o resultado de décadas de meias-palavras cifradas...

A si próprio desvendou-se ele na simplicidade cândida de se confiar (cândido era-o também de nome próprio)!

Não nos seduzem outras considerações de margem nem nos convirá aqui qualquer digressão pela *Peregrinatio ad loca infecta*... Tomamos para nós o conselho de Sofia Mello Breyner Andresen, «De um poema só se pode dizer o próprio poema. Quando muito podemos tentar – sem interpretar – reconhecer o que lá está».

Do soneto de Jorge de Sena, retenho o tom confiante e a entrega direta e incondicional, nas mãos do leitor e nas mãos de Deus – que tudo sabe e tudo aceita, sem

nada exigir, nem sequer pedir a cédula que confirmasse frequência de catequese ou frequência de sacramentos...

O poeta, que era homem feito, entrega-se na simplicidade de uma criança e na confiança de um amigo de sempre e, por isso, se confia. Fá-lo, na verdade que ele era e em forma racionalizada. Parte de um pressuposto lógico («Como [...]», v. 1), segue por uma espécie de concessiva («Importa pouco ou nada [...]», v. 5), passa por uma declaração maior, que é metafísica («Não de existir sois feito [...]», v. 9), mas conclui, assertivamente, em entrega confiante («Humildemente sei que em Vós confio», v. 12); a entrega é reforçada racionalmente, para que não restem dúvidas («e mesmo isto o sei pouco ou quase esqueço», v. 13), e retoma a conclusão que deve permanecer («pois que de Vós, meu Deus, me fio em tudo», v. 14).

O que o poeta tem para se declarar é a si mesmo, na veracidade de quem se entrega, confiante do que diz e confiante nos braços de Deus. O momento final, coincidente com o passamento de Pio XII, é o de identificação com aquele que acabava de entregar tudo a Deus, como Cristo o fizera: *in manus tuas, Domine, commendo spiritum meum*. Podia por isso exclamar *consummatum est*, que é como quem diz «em Deus confio, nada temo».

Sena tinha o sentido da dignidade do divino e conhecia bem o texto dos Evangelhos: talvez melhor do que Raimon Panikkar, sacerdote

exuberante, ligado à Opus Dei e capaz de percorrer mundos, em irenismo, que também outros tentaram, oscilando entre o mundo ocidental e oriental (como Jean Daniélou, por exemplo). Foi próximo de Sena; conhecemos deste uma dedicatória a ele endereçada («com a melhor estima e consideração»). No largo percurso universitário, também Raimon esteve em Santa Bárbara, entre 1971-1987; visitou Sena no hospital e quis levar-lhe confortos espirituais. Não sabemos se alguma vez se referiu a Sena nas múltiplas conferências e confidências que teve e publicou; ao que sabemos, Jorge não terá ficado agradado com o ofício de pregador de leito de hospital. Assumimos, porém, que Sena teria gostado de saber o que Panikkar referiu em entrevista:

Yo no he tenido una experiencia de Damasco, no he caído del caballo, ni he tenido una experiencia relámpago... La vida se vive... La vida nos ha sido dada... Estamos objetivando de tal manera, que enseguida nos hacemos héroes, o nos confesamos... [...] Yo no escribo mi historia, la vivo. (Forcano, 2002: 10-17)

De Sena temos esta confiança do «Como de Vós...», que é confissão...

Ao tempo do enunciado poético que nos ficou, segundo o paradigma aceite, cristão era aquele que participava nas práticas sacramentais, em rituais simples ou solenes, tanto mais marcantes quanto mais faustosos, porque assim o exigia a majestade divina. A fi-

gura de Pio XII chamava à atenção, pois até a sua silhueta se erguia tanto mais alta quanto apenas se divisava a sua voz que enunciava a fé que representava e se oferecia como mediador entre o humano e o divino. Na distância, era o Moisés que subira ao Sinai e de lá voltara. Muitos esperaram que fosse para partir as Tábuas da Lei perante os desvarios que encontrava num Povo que, logo terminada a Guerra, se inebriara em *loca infecta* e se atascava na mediocridade...

Jorge Sena terá olhado para essa figura e contemplado o que ela significava. Com Deus presente, mesmo que ausente, sentindo o divino que vive longe estando sempre perto. Em rebate de sagrado, afinal, muitas vezes teremos de enfrentar momentos de «Este pavor, meu Deus / De Te reduzir ao som, à música das quatro letras», muito embora confidenciando-lhe que «De Ti, só o teu reflexo é irreparável», como Jorge de Sena escrevia no poema «Caverna», em 1941 (1977: 76).

Creemos reconhecer em horizonte de verdade o que lemos em «Como de Vós...». Seria profanar o seu alcance se o reduzíssemos a forma lite-

rária: *odi profanum vulgus et arceo...* Para mim, é confissão de fé e antecipação de eternidade.

E a minha leitura levou-me ao convívio que nunca tive com Jorge de Sena. O meu «desvio» nunca passou por Santa Bárbara, apenas o avistei em Araraquara (onde, um dia, me foi dado bater à porta do seu gabinete de trabalho). Revejo-o no centenário que nos entra pela porta grande da memória...

Bibliografia

Impressa

Sena, J. de. (1958). *Fidelidade: Poemas*. Livraria Moraes. Lisboa;

Sena, J. de. (1972). *Exorcismos*. Moraes. Lisboa;

Sena, J. de. (1977). *Poesia-I*. Moraes. Lisboa.

Von Balthasar, H.U. (2008). *Só o amor é digno de fé*. (Trad. de A. Morão). Assírio & Alvim. Lisboa.

Digital

Forcano, B. (2002). Entrevista a Raimon Panikkar [Versão eletrónica]. *Éxodo*, 65: 10-17. Acedido a 23 de fevereiro de 2019, em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2891443>;

Mothu, A. (2010, 6 de dezembro). De la foi du charbonnier à celle du héros (et retour). *Les Dossiers du Grihl*. Acedido a 23 de fevereiro de 2019, em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/3393>.